

MEMÓRIA SOCIAL, TECNOLOGIA CERÂMICA E ESPACIALIDADE EM TRAIRI-CE

João Nilo de Souza Nobre

Ricardo Pinto Medeiros

Viviane Maria Cavalcanti de Castro

RESUMO

O presente artigo visa apresentar os resultados obtidos com a pesquisa de dois sítios de grupos ceramistas do litoral cearense, situados no município de Trairi-CE. A pesquisa buscou identificar se os sítios Aldeia de Trairi e Boa Esperança poderiam ser parte de uma mesma ocupação a partir da interpretação dos dados obtidos nas pesquisas de campo, bem como dos dados etno-históricos e arqueológicos. Procurou expor, também, como o referencial teórico da memória social e do *Habitus* foi utilizado na compreensão dos sítios. A metodologia utilizada visou à identificação dos processos de manufatura dos vestígios cerâmicos, em uma perspectiva micro, a partir da construção dos perfis técnicos dos sítios, dessa forma a comparação de suas culturas materiais pode ser realizada levando em consideração sua distribuição espacial. Além disso, também foi buscado o estabelecimento de cronologias para as duas áreas, através da termoluminescência, visando à constatação ou não de contemporaneidade entre os artefatos cerâmicos. Os resultados obtidos indicam tratar-se de uma mesma ocupação com áreas distintas de atividades.

Palavras-chaves: Tecnologia Cerâmica; Espacialidade; Trairi-CE.

ABSTRACT

This article presents the results obtained from the research of two archaeological sites of potters on Ceará coast, located in the city of Trairi - CE. The research sought to identify whether the sites Aldeia de Trairi and Boa Esperança could be part of the same occupation from the interpretation of data obtained in field surveys as well as on ethnohistorical and archaeological data. The paper aims to expose, as well, how the theoretical framework of social memory and habitus was used in the understanding of the sites. The methodology used sought to identify the process of manufacture of ceramics, in a micro view, by the construction of the technical profiles of the sites so that the comparison of the material culture from both sites could be made, taking into account their spatial distribution. Furthermore, it

was also sought to establish the chronology for the two areas by thermoluminescence, aiming at finding or not if the ceramic artifacts are contemporary. The results indicate that the area of the two sites can be related to the same occupation with different areas of activities.

Keywords: Ceramic Technology; Spatiality; Trairi-CE.

INTRODUÇÃO

O panorama sobre os grupos pré-históricos ceramistas no litoral cearense é ainda incipiente frente o grande número de sítios ainda não identificados e estudados. Nesse contexto, o sítio Boa Esperança foi identificado durante o *Projeto Litoral*, um programa de prospecção, realizado no ano de 1996, nos municípios de Paraipaba e Trairi pela arqueóloga Miriam Cazetta¹. No relatório do *Projeto Litoral*, o sítio está definido como “uma ocupação significativa do grupo ceramista tupi, visto a presença de cerâmica da Tradição Tupi” (CAZZETTA, 1996, p. 5). Apesar de diagnosticado na década de 1990, o sítio não foi alvo de nenhuma pesquisa sistemática até 2012, quando realizamos coletas de superfície e algumas escavações.

Por sua vez, o sítio Aldeia de Trairi foi identificado fortuitamente em 2011, quando alguns moradores do bairro Cotese, município de Trairi, estavam escavando para a construção de uma cisterna. O achado consistiu de 9 recipientes cerâmicos inteiros ou parcialmente fragmentados, bem como 308 fragmentos de, provavelmente, outros 2 vasilhames que ainda estão em processo de reconstituição. No mesmo período em que ocorreu o achado, o Iphan juntamente com a Prefeitura de Trairi, financiou a escavação, a qual levou à coleta dos fragmentos acima citados.

Devido à proximidade entre os 2 sítios, conforme dito acima, formulou-se a hipótese de que poderiam ser um único sítio com distintas áreas de trabalho e com um amplo raio de exploração de recursos, fruto de uma longa permanência no local.

Dessa maneira, para a realização da pesquisa optou-se por realizar a comparação da cultura material dos sítios visando à identificação de semelhanças tecnológicas nos seus atributos de manufatura. Por conseguinte, a metodologia utilizada para a constatação do modo como os objetos foram produzidos foi a caracterização dos perfis técnicos de ambos os sítios, a qual não só permitiu a visualização dos modos de produção utilizados pelo(s) grupo(s) como

também subsidiou que fossem definidos parâmetros que permitissem a comparação entre as coleções cerâmicas que foram coletadas em ambas as áreas.

Como norteadora da comparação entre as coleções cerâmicas, utilizou-se a teoria da memória social, na qual se postula que o mesmo grupo tende a produzir os mesmos tipos de cultura material, pois a aprendizagem dentro da visão de mundo daquele grupo faz com que se perpetuem as práticas cotidianas que geram o que Jones (2007) chama de *segurança ontológica do grupo*.

Para a verificação da hipótese, buscou-se também uma compreensão do espaço onde eles se encontram, correlacionando-os com o tipo de sistema de assentamento tupi-guarani, uma vez que a cultura material encontrada pode ser classificada como pertencente à tradição arqueológica tupi-guarani, conforme identificado por Cazzeta (1996). Nessa perspectiva, pleiteou-se também o estabelecimento de cronologias para as duas áreas, visando à constatação ou não de contemporaneidade entre os artefatos cerâmicos. Para tanto, utilizou-se a técnica de datação por termoluminescência, a qual mede a quantidade de radiação absorvida pelos sólidos ao longo do tempo.

MEMÓRIA, ESPAÇO E CULTURA MATERIAL

A pesquisa arqueológica como disciplina teve, ao longo da sua história, muitas concepções e orientações teóricas. Enquanto alguns buscavam a observação e exemplificação de leis gerais que regem as sociedades humanas, outros postulavam que cada sociedade teve sua formação a partir de um contexto histórico específico. De certa forma, buscou-se utilizar uma postura intermediária onde se levam em consideração princípios universais, mas que não exclui a capacidade individual de agir no seu contexto histórico. Conforme Hodder (2003) as generalizações em Arqueologia são possíveis, mas não devem ser o objetivo da pesquisa científica, uma vez que a cultura material é produzida por indivíduos que possuem o papel de agentes sociais e que interagem com o meio em condições históricas específicas.

Partindo desse princípio, pretendemos elaborar a ideia de que o indivíduo, embora seja agente no seu contexto, tem suas expressões regidas por um corpo de conhecimentos tradicionais adquiridos dentro da sua sociedade, o que Connerton (1989) conceitua como *memória social*.

Leroi-Gourhan (1993) aponta a aprendizagem como modeladora do ser e como supressora da influência genética; a partir do que é aprendido dentro da sociedade, podem-se controlar ou restringir seus impulsos ou instintos. Contudo, não é como se os conhecimentos tracionais simplesmente fossem replicados; cada indivíduo tem sua liberdade de intervir nas práticas cotidianas. Não obstante, a complexidade das relações sociais é exemplificada pelo fato de que, embora o indivíduo tenha em si um potencial para intervir no funcionamento social, todos os conhecimentos e, por conseguinte, suas alternativas de intervenção são adquiridos a partir do corpo tradicional de saberes da própria sociedade.

Esta noção da memória social de Leroi-Gourhan, que aborda a sociedade como uma força capaz de moldar o indivíduo, é semelhante às ideias propostas por outros autores. Segundo Ortiz (1983, p. 10), ao se referir à obra de Durkheim: “a noção de consciência coletiva supõe a existência de uma essência transcendental exterior aos indivíduos e que os enquadra coercitivamente na dimensão da norma”. Partindo desse princípio, ao pressupor uma superestrutura que condiciona as ações dos indivíduos na sociedade, pode-se discutir o conceito de *Habitus*, o qual aborda como o indivíduo adquire as práticas no cotidiano e, a partir delas, dá continuidade ou modifica a estrutura social.

A memória social se dá através da aprendizagem dentro do grupo. Nessa perspectiva, o conceito possui uma grande semelhança com a noção de *Habitus* de Durkheim, a qual possui o sentido de que: em um grupo que possua uma uniformidade intelectual e moral, a aprendizagem levaria à formação de indivíduos que compartilham os mesmos valores. Contudo, não apenas a aprendizagem no sentido formal seria responsável pela formação do indivíduo, mas também as próprias relações entre o ser e o meio social serviriam como transmissores de valores sociais. Para Ortiz (1983, p. 15), “o *Habitus* tende, portanto, a conformar e a orientar a ação, mas na medida em que é produto das relações sociais ele tende a assegurar a reprodução dessas mesmas relações objetivas que o engendram”.

Dito de outra forma, o *Habitus* age como uma superestrutura que rege as práticas sociais. Uma vez que os indivíduos adquiriram seus conhecimentos e práticas dentro da sociedade, eles tendem a reproduzir as práticas aprendidas, dando continuidade aos saberes tradicionais. Dessa forma, o *Habitus* pode ser exemplificado como:

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações — e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas. (BOURDIEU *apud* SETTON, 2002, p. 62).

Bourdieu postula que cada agente, quer saiba ou não, quer queira ou não, é produtor e reproduzidor de sentido objetivo, pois seus atos e suas produções são produto de um *modus operandi* do qual ele não tem domínio consciente, cujas ações ultrapassam as intenções conscientes. O indivíduo tende a reproduzir a memória social que adquiriu ao longo do tempo, através da aprendizagem formal e de suas relações com o meio em que vive, geralmente não consciente desse “controle” da estrutura social sobre seus atos.

Conforme se tem elaborado, não só a aprendizagem formal seria capaz de passar os valores sociais para as gerações futuras, segundo o sociólogo Paul Connerton *apud* Strathern (1998, p. 141):

A dinâmica social [...] é a transmissão e a duração da memória, em que as práticas do passado são projetadas no futuro não apenas através dos registros que as pessoas deixam para trás, mas através de suas rotinas corporais. Então a memória pode ser passada de formas não textuais e não cognitivas [tradução nossa].

Donald (1998) elabora a ideia de que a cultura material também é responsável pela transmissão de valores dentro da sociedade. Essa ideia é reforçada pelo discurso de Hodder (2003, p. 3) ao afirmar que “a cultura material e a sociedade se constroem mutuamente, dentro de conjuntos de ideias, crenças e significados culturais historicamente específicos”. Dessa forma, compreende-se que a aprendizagem, tanto formal quanto a partir das relações sociais e da produção da cultura material, é fundamental para a manutenção de uma visão de mundo do grupo.

Entretanto, não é como se as pessoas fizessem os objetos e estes estocassem o conhecimento para transmitir para as outras pessoas, como se cada elemento tivesse seu momento de ação, ambos estão em constante atuação, um influenciando o outro. Os indivíduos produzem a cultura material, que fornece os meios para que as pessoas possam agir sobre o ambiente e assim, através da ação, indivíduos e objetos perdurem (JONES, 2007).

Dessa forma, a cultura material possui a característica de transmitir a memória social, na medida que sua presença em eventos passados serve de referência entre as práticas sociais e o passar do tempo, evocando memórias e criando uma “segurança ontológica” no grupo (JONES, 2007), que seria a continuidade das práticas executadas por indivíduos no passado e passadas de geração em geração através da aprendizagem dentro da sociedade.

Porém, conforme mencionado anteriormente, nessa perspectiva se considera que não haja uma estrutura fechada onde cada indivíduo apenas “replique” as relações sociais determinadas. Isso remete ao conceito de *Habitus*, conforme proposto por Pierre Bourdieu, que não é em si

uma teoria totalmente nomotética, mas que busca identificar as relações entre sujeito e sociedade. Para Setton (2002, p. 63):

Pensar a relação entre indivíduo e sociedade com base na categoria *Habitus* implica afirmar que o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais e coletivamente orquestrados. [O *Habitus*] Dessa forma, deve ser visto como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática, tendo em vista que as conjunturas de um campo o estimulam.

Connerton (1989) aborda que, a cada nova geração, há pequenas alterações na forma de interagir com a sociedade. Mas que, ao mesmo tempo, os valores sociais são passados através de meios cognitivos e não cognitivos. Ou seja, nas rotinas diárias as práticas corporais encerram em si códigos de conduta que os indivíduos aprendem a reproduzir sem ter necessariamente uma percepção consciente da simbologia implícita, mas que ao mesmo tempo os alteram em um nível individual.

Nesse sentido, em relação à interação entre o indivíduo e a cultura material na Arqueologia, pode-se tomar como referência o proposto por Sinopoli (1991, p. 121) ao abordar que “[...] ceramistas, dessa forma, devem ser vistos como transmissores ativos da prática, mais do que recipientes passivos do conhecimento tradicional” [Tradução nossa].

Neste contexto, faz-se necessário retomar a ideia de que, conforme o trabalho de Leroi-Gourhan citado anteriormente, as possibilidades de diferenciação às quais o indivíduo tem acesso são adquiridas através da aprendizagem dentro da própria sociedade. Essa ideia fundamenta o argumento de que um único grupo produz os mesmos tipos de objetos e estes representam sua cultura material. E essa discussão é reforçada pelo trabalho etnográfico de Fabíola Silva (2008), quando esta aponta que pequenas diferenças individuais podem ser identificadas em alguns detalhes de acabamento dos vasos, assim como na pintura, em que os motivos decorativos podem ser aplicados mais livremente pelos indivíduos produtores, mas que isso não diferencia drasticamente a cultura material dentro da comunidade. Segundo a referida autora:

Se há algo como uma tradição tecnológica compartilhada entre diferentes membros de um grupo, ao mesmo tempo há comportamentos idiossincráticos que particularizam alguns aspectos do processo de produção, e, algumas vezes, estes podem ser identificados na cultura material. Estes comportamentos, contudo, não são contrários à tradição tecnológica, pelo contrário, eles reforçam os aspectos formais desta (SILVA, 2008, p. 247) [Tradução nossa].

Em meio ao debate sobre a aprendizagem como veículo da memória social, deve-se ter em mente que, associada à visão de mundo e suas formas de produzir cultura material, a relação

do grupo com o meio que o cerca também é estritamente influenciada pelo conhecimento tradicional.

Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem. Ele se fecha no quadro que construiu. A imagem do meio exterior e das relações estáveis que mantém consigo passa ao primeiro plano da ideia que faz de si mesmo. Ela penetra todos os elementos da sua consciência, comanda e regula sua evolução. A imagem das coisas participa da inércia destas. Não é o indivíduo isolado, é o indivíduo como membro do grupo, é o próprio grupo que, dessa maneira, permanece submetido à natureza material e participa do seu equilíbrio (HALBWACHS, 1990, p. 133).

Neste contexto, o ambiente é percebido a partir de convenções sociais sobre o que é significativo ou não. Conforme argumentado por Darvill (2005), é a partir de categorias definidas socialmente que percebemos o ambiente a partir de perspectivas como frente/costas, escuro/claro, sagrado/profano, limpo/sujo, pois a base dessas categorias é orientada por um sistema simbólico ou de crenças. Dessa forma, o enfoque de estudo sobre o espaço onde o sítio arqueológico está inserido torna-se de fundamental importância para subsidiar outras fontes de interpretações sobre o grupo.

Partindo desse pressuposto, utilizou-se para a pesquisa uma abordagem de sistema de assentamento tentando identificar, em uma perspectiva microespacial, diferentes espaços de atividades dentro da área do sítio Boa Esperança, bem como, levou-se em consideração alguns aspectos do padrão de assentamento, sem esquecer que, conforme abordado anteriormente, a própria utilização do espaço é orientada segundo os costumes tradicionais dos grupos.

Cabe aqui elaborar uma breve distinção sobre o que se entende sobre sistema e padrão de assentamento. Sistema de assentamento, segundo Dias (2003) foi o novo termo utilizado a partir das décadas de 1960 e 1970 quando houve uma revisão no conceito de *padrão de assentamento*. Dessa forma, em algumas pesquisas essa definição foi substituída pela noção de *sistema de assentamento*. Segundo as novas perspectivas, *padrão de assentamento* passou a ser usado para análises das relações geográficas e fisiográficas de um grupo contemporâneo de sítios. Enquanto que *sistema de assentamento* estaria voltado para a compreensão da funcionalidade entre um grupo contemporâneo de sítios, associado ao padrão de assentamento de uma mesma cultura (DIAS, 2003).

OS ESTUDOS DOS GRUPOS CERAMISTAS DO LITORAL DO CEARÁ

No litoral do Ceará, desde antes da conquista, havia uma pluralidade de grupos e sua compreensão pode trazer um melhor entendimento sobre o processo de ocupação da área ao longo do tempo. Entretanto, os dados históricos por si só apresentam muitas incoerências devido à multiplicidade de relatos, desde distintas denominações para os mesmos grupos até a classificação de vários povos sob a mesma designação. Nesse sentido, convém intercalar o estudo da história com os dados arqueológicos para fortalecer hipóteses do dinâmico processo de ocupação do litoral cearense.

A complexa percepção da presença de vários grupos distintos no litoral se faz na identificação, nos relatos históricos, de informação sobre mobilidade e domínio das distintas etnias contidas na área que vai desde o Rio Ceará até o Rio Acaraú. Em relatos de cronistas, como a *Relação do Maranhão*, escrita pelo padre Luis Figueira em 1608; a *Viagem ao Norte do Brasil* do capuchinho Ives D'Evreux, do início do século XVII, são descritos diferentes grupos que habitavam o litoral nos momentos iniciais da colonização (SOARES, 2011).

As pesquisas arqueológicas no litoral cearense, assim como em boa parte do estado são ainda muito incipientes, de modo que ainda não se pode ter um panorama dos processos de ocupação ao longo do tempo na costa cearense. Contudo, mesmo com poucas informações, a pluralidade de grupos presentes no litoral oeste cearense no período de colonização tem sido percebida no registro arqueológico da área em questão, devido à diversidade da cultura material encontrada nesses ambientes costeiros.

O citado programa de prospecção *Projeto Litoral* identificou 10 sítios arqueológicos presentes na faixa costeira dos municípios de Trairi e Paraipaba. A natureza dos artefatos encontrados nesses sítios evidencia que diferentes processos de ocupação se deram na região. As concentrações de artefatos se manifestam algumas vezes sob a forma de sítios lito-cerâmicos, unicamente líticos ou com materiais históricos.

A partir de estudos de Arqueologia Preventiva, Viana, Soares e Sousa (2007) propuseram um modelo de diferenciação dos sítios litorâneos em 4 grupos: 1- Oficinas líticas de lascamento associadas a material malacológico; 2- Sítios lito-cerâmicos também associados a resíduos malacológicos, onde os recipientes cerâmicos apresentam paredes finas e dimensões pequenas; 3- Sítios cerâmicos característicos da tradição tupi-guarani; e 4- Sítios históricos.

Soares (2011) elaborou um estudo acerca da ocupação tremembé na enseada de Jericoacoara, que é parte integrante do litoral oeste do Estado do Ceará. Segundo dados históricos, os povos

tremembé estavam dispersos por uma grande extensão da costa oeste cearense, desde, possivelmente, o Maranhão até o Rio Mundaú, em Trairi-CE.

Contudo, a associação direta de sítios arqueológicos a etnias representadas nos relatos dos cronistas torna-se muito problemática de ser feita. Ao criticar o uso de fontes etno-históricas diretamente para complementar estudos arqueológicos, Sousa (2009, p. 55) nos alerta que:

O arqueólogo precisa ter em mente que os grupos étnicos não são estáticos no tempo e no espaço e, além disso, estão em constante contato com outros povos. No caso dos Tupi, a grande extensão territorial por eles atingida gerou mudanças regionais devido às diferentes paisagens ocupadas, porém, apesar das especificidades locais, muitos traços da cultura Tupi mais gerais permaneceram.

Dessa forma, o conhecimento das restrições da metodologia do levantamento etno-histórico permite um uso mais cauteloso das fontes. Scatamacchia, ao abordar o uso da etno-história para a complementação das pesquisas arqueológicas, aponta que:

[...] mesmo existindo uma diferença de pelo menos 1.000 anos entre os dados arqueológicos mais antigos e as informações etnográficas da época da conquista, eles revelam uma homogeneidade cultural que permite relacioná-los ao mesmo grupo cultural. Portanto achamos válida a correlação e analogia desses dados, feita de forma não mecanicista [...] (SCATAMACCHIA, s/d, p. 17).

Partindo desse pressuposto, conforme abordado acima, pode-se utilizar o conceito de *Habitus* como explicativo de variações tecnológicas encontradas em regiões específicas. Embora grandes semelhanças possam ser percebidas nos atributos tecnológicos, em um âmbito mais geral (o que justificaria a filiação da cultura material a uma grande tradição), podem-se perceber as variações como consequências das intervenções individuais na produção ao longo do tempo, geradas em contextos históricos específicos vividos por aquele(s) grupo(s).

INTERVENÇÕES DE CAMPO

As intervenções de campo realizadas no sítio Aldeia de Trairi resultaram na coleta de 308 fragmentos. Também permitiram uma visualização do perfil estratigráfico do local de onde retiraram os recipientes, e, a partir da análise da estratigrafia local, não se constatou, no perfil das quadrículas, nenhum indício pedológico ou pedogenético que indicasse que houve um “pisso” onde as peças foram abandonadas e, com o tempo, cobertas pela sedimentação. Por conseguinte, acredita-se que os artefatos foram intencionalmente enterrados no local.

Um repórter local conseguiu filmar os moradores no momento da escavação, e esse vídeo mostra que os recipientes estavam dispostos uns dentro dos outros, diferindo do “padrão” encontrado em enterramentos.

A partir do levantamento bibliográfico sobre pesquisas arqueológicas em áreas de aldeia, percebeu-se que achados de recipientes inteiros ou parcialmente fragmentados é recorrente na literatura arqueológica (MILHEIRA, 2010; PILÓ, 2008; PEREIRA *et. al.*, 2008). Por conseguinte, aventou-se a possibilidade de que enterramentos de recipientes de maneira organizada atenderiam a uma utilização ainda não identificada, talvez para armazenagem dos mesmos com fins de posterior recuperação.

Entretanto, a recorrência desse tipo de achado reflete a memória social de grupos que possuem parentesco entre si; dessa forma, é possível inferir que o enterramento de recipientes pode significar um costume em comum entre os grupos tupi. Mesmo tendo em mente que particularidades históricas influenciam no processo de diferenciação entre grupos, Medeiros (2002, p. 216) ao abordar as análises glotocronológicas, afirma que:

[...] considerados descendentes de uma mesma população, dois ou mais povos certamente terão mais coisas em comum além de semelhanças linguísticas. Suas culturas apresentaram variações de uma mesma “corrente de pensamento”, se podemos chamar assim as ideias mais gerais e básicas que os povos aparentados compartilham.

Partindo desse princípio, conforme argumentado acima, outras práticas além das formas de produção da cultura material são semelhantes, ou seja, há um saber tradicional passado de geração em geração, no qual outros elementos culturais podem ser perceptíveis no registro arqueológico, ao estudarem-se grupos aparentados.

Nas escavações realizadas no sítio Boa Esperança, buscou-se identificar possíveis áreas de atividades durante a fase de campo, através da percepção de remanescentes de habitação, uma vez que o sítio possuía a maior concentração de artefatos cerâmicos dispersos por uma área de aproximadamente 40.000 m². Trabalhando-se com a hipótese de que ambos os sítios faziam parte de uma mesma ocupação, o local das moradias teria maior probabilidade de ser o que apresentasse a maior concentração de remanescentes de cultura material.

Para o estabelecimento do perímetro onde os artefatos estavam dispersos, foi realizada uma prospecção por limites culturais (BICHO, 2011), na qual o monitoramento da área buscou delimitar todo perímetro onde apareciam artefatos cerâmicos com características semelhantes à cerâmica da tradição arqueológica tupi-guarani.

A partir da visualização das concentrações de artefatos, foram feitos cortes estratigráficos em diferentes espaços do sítio. Um deles foi realizado em uma área onde havia certa proximidade entre os fragmentos, buscando-se identificar vestígios indicativos de áreas de descarte ou de habitação. Pereira *et. al.* (2008) argumenta que áreas que apresentam concentrações de fragmentos em superfície são decorrentes de locais de descarte localizados geralmente nas zonas periféricas das aldeias. Essa ideia assemelha-se com a discussão levantada por Assis (1996) ao abordar que os locais de uso coletivo deveriam passar por manutenções regulares.

Outro corte foi aberto em um local onde a visibilidade dos vestígios em superfície era escassa. Dessa forma, se o primeiro corte não apresentasse nenhuma evidência de área de habitação, a sondagem, além de prover dados sobre a estratigrafia, poderia trazer mais alguma informação sobre a espacialidade do sítio.

A primeira escavação, realizada em uma área de concentração de fragmentos, levou à constatação uma camada de sedimento escuro. A evidenciação de solos escurecidos em sítios pré-históricos no Brasil é por vezes interpretada como manchas húmicas, que são consequência da decomposição de muito material orgânico e decorrente da intervenção antrópica na área, seja construindo casas com recursos naturais, descartando restos alimentares ou ambos. (ASSIS, 1996; ALMEIDA & GARCIA, 2008; BICHO, 2011; PEREIRA *et. al.*, 2008; entre outros).

Foi constatado que, na área de concentração de fragmentos, o sedimento escuro estava presente, mas não em toda a extensão da área escavada. Em oposição, na área com escassos vestígios na superfície do solo não se constatou a presença do mesmo sedimento escuro, bem como não foram encontrados artefatos em profundidade. Dessa forma, é possível que a mancha esteja de fato associada com o material de superfície.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O material cerâmico foi analisado procedendo a caracterização dos perfis técnicos tanto do sítio Boa Esperança como do sítio Aldeia de Trairi.

De acordo com a perspectiva metodológica mais utilizada no Nordeste brasileiro, os estudos tecnológicos em Arqueologia têm como característica a descrição dos atributos e processos necessários para a produção dos artefatos. A partir dos resultados obtidos, é possível inferir

sobre diversos aspectos socioculturais do grupo produtor. A compreensão das formas de interação do grupo com seu ambiente e os materiais presentes nele fornecem subsídios para interpretação dos costumes dos produtores. Costumes estes que são mantidos pela ação da memória social.

Se queremos entender o papel da cultura material na produção da lembrança coletiva e na promoção da transmissão cultural, devemos nos ater a vários fatores. As propriedades materiais e qualidades da cultura material, a escala, resistência/transcendência e maleabilidade dos objetos são todos chave para [compreendermos] como e por que [os artefatos] são utilizados para promover a lembrança. [Tradução nossa] (JONES, 2007, p. 49).

Partindo desse princípio, a análise tecnológica da cultura material permite visualizar o conhecimento tradicional e suas variações. Conforme discutido acima, a cultura material tem a característica de transmitir a memória social do grupo, e, a partir dessa perspectiva, os artefatos produzidos por um único grupo, por mais que apresentem variações, devem possuir similaridades técnicas devido ao conhecimento tradicional passado de geração em geração entre os produtores e consumidores.

Nesse contexto, utilizou-se a metodologia de caracterização dos perfis técnicos dos artefatos cerâmicos para se obter informações em um formato padronizado que permitisse a comparação entre os materiais coletados em ambos os sítios. Segundo Shepard (1956), a separação de grupos de fragmentos com características semelhantes fornece experiência ao arqueólogo para que este consiga perceber a diversidade cerâmica a partir dos fragmentos. Conforme a autora:

Ao lidar com fragmentos aos milhares e separar grupos a partir de características em comum, o arqueólogo se familiariza com o grau de variação de algumas características diagnósticas: ele percebe que algumas propriedades variam simultaneamente, outras independentemente, que algumas possuem um amplo espectro de variações, outras variam pouco, que outras são relativamente estáveis, outras mudam abruptamente. Mesmo que não se busque analisar e explicar essas observações, elas dão ao pesquisador a percepção da possível diversidade na aparência da cerâmica que foi feita pelos mesmos processos básicos (SHEPARD, 1956, p. 306) [Tradução nossa].

Com isso, utilizou-se a metodologia de caracterização de sistemas técnicos, a partir de uma perspectiva técnica, morfológica, funcional e de design decorativo, conforme proposto por Oliveira (2000). Essa metodologia consiste em separar os fragmentos cerâmicos em grupos e unidades de análise a partir de suas características técnicas observáveis. Para isso, escolhem-se atributos tais como pasta, antiplástico ou aditivo, tratamento de superfície, motivos decorativos, entre outros.

Para este estudo, os atributos utilizados para a divisão das unidades de análise consistiram principalmente de: pasta, textura, técnicas de manufatura, tratamentos de superfície, morfologia dos vasilhames e elementos decorativos.

O primeiro atributo utilizado para a segregação das unidades foi a pasta. Segundo Chmyz (1976, p. 137), *pasta* é uma “mistura de barro e antiplástico ou tempero, usada na confecção cerâmica”.²

O tipo de antiplástico presente na pasta pode refletir diretamente a intencionalidade do produtor. Segundo Alves (1988, p. 16), “a presença de grãos de areia na pasta pode decorrer tanto de uma ação cultural intencional quanto de uma ação natural relacionada a uma seleção granulométrica pouco definida”. Porém, conforme Alves (1991, p. 71), outros tipos de aditivos são considerados sem sombra de dúvidas como intencionais, pois a própria argila podia ser preparada para servir como tempero, “bolos de argila seca ou fragmentos de cerâmica triturados constituem formas mais elaboradas desses tipos de aditivos”.

Utilizando-se dessas categorias acima definidas, encontraram-se quatro tipos de pasta nos fragmentos cerâmicos dos sítios Boa Esperança e Aldeia de Trairi. Os tipos de pasta foram divididos conforme sua textura (quantidade de antiplástico presente na argila). Segundo La Salvia e Brochado (1989, p. 16): “partindo da crença de que cada artesão busca sua melhor pasta, ‘seca’ ou ‘plástica’, as alterações havidas entre os graus máximos (de tipo e quantidade de aditivos) nos dirá o que foi acrescentado”; dessa maneira, a divisão se deu a partir da observação do tipo e da quantidade de aditivos na argila, a qual permitiu a separação da população cerâmica nos seguintes tipos:

Pasta 1: Textura grossa com aproximadamente 30% de antiplástico: caco moído e bolo de argila.

Pasta 2: Textura grossa com aproximadamente 30% de antiplástico: caco moído, bolo de argila e areia.

Pasta 3: Textura média com até 15% de antiplástico: caco moído e bolo de argila.

Pasta 4: Textura média com até 15% de antiplástico: caco moído, bolo de argila e areia.

A constatação dos tipos 1 e 2 de pasta nos materiais cerâmicos de ambos os sítios foi considerada como um indicativo de que a cultura material de ambos os sítios pode ter sido manufaturada por grupos com o conhecimento técnico semelhante, uma vez que são

encontrados cacos moídos e bolos de argila como aditivo predominante das cerâmicas de ambas as coleções. Cabe ressaltar que entre o material do sítio Boa Esperança, que possui uma maior quantidade e diversidade de fragmentos, foram constatados dois tipos diferentes de pasta, possivelmente porque se faziam e utilizavam recipientes para funções diversas naquela área e que não eram realizadas no local do sítio Aldeia de Trairi.

A percepção dos antiplásticos predominantes torna-se importante, pois também nos permite pensar em certa durabilidade da ocupação naquele espaço, uma vez que teríamos o tempo de fabricação dos vasilhames, seu tempo de uso e, posteriormente, a reciclagem dos fragmentos de recipientes quebrados para uso como antiplástico para a fabricação de novos utensílios.

Posterior à segregação das pastas, a separação das unidades também se deu pela observação do **tratamento de superfície**. Consideraram-se como residuais os fragmentos nos quais não foi possível a verificação desses atributos. Os agrupamentos criados a partir da presença de atributos comuns de pasta e tratamento de superfície foram considerados unidades de análise.

No quesito tratamento de superfície, abordaram-se as técnicas utilizadas na produção e/ou decoração do recipiente, pois estas poderiam ajudar na caracterização das unidades por exprimirem semelhanças entre os fragmentos. Entende-se que, segundo La Salvia & Brochado (1989), existem algumas técnicas que são utilizadas de maneira funcional para a produção do vasilhame, enquanto que outras são utilizadas para o acabamento estético do recipiente. Conforme proposto pelos referidos autores: "Acabamento de cunho prático busca a construção do recipiente, enquanto que acabamento de cunho artístico é o que busca dar ao recipiente uma melhor aparência", (LA SALVIA & BROCHADO, 1989).

Nessa perspectiva, as técnicas de decoração plástica consistem em formas de elaborar a decoração na própria cerâmica utilizando-se de instrumentos, enquanto que na decoração pintada são utilizados pigmentos minerais ou orgânicos para a criação de motivos decorativos na superfície interna e/ou externa do vasilhame (CHMYZ, 1976). Entre os fragmentos cerâmicos coletados no sítio Boa Esperança e no sítio Aldeia de Trairi, constataram-se os seguintes tipos de tratamento de superfície:

Acanalado: Tipo de decoração que consiste em marcar a superfície da cerâmica com os dedos, formando sulcos alongados (CHMYZ, 1976).

Alisado: Processo de nivelção da superfície do vasilhame (CHMYZ, 1976);

Inciso: Decoração que consiste em incisões praticadas por meio da extremidade aguçada de instrumentos variados, na superfície da cerâmica, antes da queima. As incisões variam em comprimento, largura e profundidade, podendo apresentar secções regulares ou irregulares (CHMYZ, 1976).

Polido: um lustro brilhoso na superfície de uma peça cerâmica não vitrificada produzido pela abrasão de uma ferramenta com a peça cerâmica enquanto ela ainda não está totalmente seca (RICE, 1987).

Raspado: Tratamento executado com ferramentas de pontas suaves (como ossos, conchas, bambus) para remover impurezas da superfície dos recipientes ou para diminuir a espessura das paredes dos mesmos (RICE, 1987).

Ungulado: Decoração que consiste em imprimir, com as pontas das unhas, marcas agrupadas em diversas posições na superfície dos vasilhames (CHMYZ, 1976).

Conforme discutido anteriormente, algumas técnicas plásticas podem não ser necessariamente destinadas a decorar o vasilhame. Milheira (2010) aponta que o tratamento de superfície pode ter uma função distinta da decoração. No sítio Boa Esperança, por exemplo, há fragmentos que apresentam um tratamento plástico que pode não ser de cunho decorativo. Vários sulcos paralelos são perceptíveis abaixo de uma camada de argila mais fina que provavelmente foi aplicada para facilitar o uso ou para aplicação de decoração cromática na superfície do recipiente.



Figura 1: Fragmento que apresenta sulcos paralelos abaixo de uma camada de argila. Fonte: Acervo pessoal. Foto: Nilo Nobre, 2012.

Segundo Rice (1987), o tratamento de superfície de raspagem é geralmente descrito como o processo mais demorado na produção cerâmica, pois pode ser realizado várias vezes, tanto para diminuir a espessura das paredes do vaso como para remover imperfeições. Segundo a

autora, esse tratamento é executado quando a pasta ainda não está completamente seca. E, quando a pasta possui inclusões de grande tamanho, algumas dessas marcas são deixadas pelo deslocamento das grandes partículas de antiplástico (RICE, 1987).

Dessa forma, a partir da discussão sobre tratamentos de superfície funcionais ou decorativos, pode-se inferir que há uma diferença entre esse tratamento raspado, encontrado no sítio Boa Esperança, e o tratamento escovado encontrado em alguns sítios tupi estudados no Ceará e Rio Grande do Norte (MACHADO, 2010; NOGUEIRA, 2011). Devido à presença da camada de argila sobre o tratamento de superfície, acredita-se que aquele seria funcional, pois faria parte do processo de manufatura do vasilhame, enquanto que o tratamento escovado seria decorativo, por ser uma técnica aplicada com fins estéticos. Segundo a orientação teórica discutida anteriormente, a constatação da presença de uma técnica específica na produção da cultura material reforça a ideia do *Habitus*.

Quanto à decoração pintada (ou cromática), Oliveira (2008) aponta que, para a aplicação da pintura principal, inicialmente havia uma aplicação de engobo branco. Na presente pesquisa, entende-se por engobo uma camada de tinta usada no preparo da superfície para a aplicação da decoração cromática, diferente do banho, que seria uma fina camada de argila utilizada como tratamento de superfície do vasilhame (LA SALVIA & BROCHADO, 1989). Posteriormente à preparação da superfície do recipiente através do engobo, aplicava-se a pintura interna ou externa utilizando-se de motivos decorativos variados.

Nessa perspectiva, para a descrição dos motivos decorativos encontrados nos fragmentos analisados dos sítios Boa Esperança e Aldeia de Trairi, optou-se por adotar a terminologia proposta por Scatamacchia (2004). De acordo com essa terminologia, entre os fragmentos analisados perceberam-se motivos decorativos compostos de:

- Associação de linhas horizontais e verticais.
- Associação de linhas verticais e oblíquas.
- Associações de semi-elipses.
- Associação de linhas onduladas horizontais.

Os referidos motivos decorativos são encontrados nos fragmentos cerâmicos de ambas as coleções coletadas nos citados sítios arqueológicos, com exceção de uma. Dentre eles, apenas o motivo de associação de linhas onduladas horizontais não é encontrado no sítio Aldeia de Trairi. A constatação de que, no sítio Boa Esperança, a variação artefactual é maior reforça a

ideia de que lá poderia ter sido a área de habitação onde vários tipos de atividades diferentes eram realizadas; dessa forma, percebe-se uma maior complexidade no registro arqueológico.

A segregação das unidades de análise³ seguindo as categorias explicitadas acima levou à divisão das coleções cerâmicas em cerca de 20 unidades, 6 tipos de fragmentos residuais de acordo com o tipo de pasta e ainda 1 classe diferida de fragmentos em que, por serem muito pequenos, dificultaram-se sua observação e classificação em algum dos tipos de pasta existentes. A divisão das unidades está exposta na tabela abaixo.

Tabela 1:

Sítio Boa Esperança							
	Pasta 1		Pasta 2		Pasta 3		Pasta 4
Residuais	159	Residuais	49	Residuais	76	Residuais	61
Unid. 1	94	Unid. 6	57	Unid. 10	16	Unid. 14	21
Unid. 2	143	Unid. 7	95	Unid. 11	63	Unid. 15	58
Unid. 3	5	Unid. 8	68	Unid. 12	21	Unid. 16	23
Unid. 4	51	Unid. 9	71	Unid. 13	38	Unid. 17	28
Unid. 5	41						
Total	493	Total	340	Total	214	Total	191
Sítio Aldeia de Trairi							
	Pasta 1			Pasta 2			
Residuais	109		Residuais	5		Diferidos	64
Unid. 1	51		Unid. 3	68			
Unid. 2	11						
Total	171		Total	73		Total	64

A partir da definição e segregação dos fragmentos nas unidades de análise, quantificaram-se os tipos de bordas, bases e bojos dentro das unidades visando à reconstituição dos recipientes, para posteriormente interpretar as áreas de atividades a partir da comparação das reconstituições com pesquisas etnográficas e etno-históricas sobre grupos tupi.

Para a reconstituição hipotética a partir do desenho das bordas, utilizou-se software de CAD, o qual levou à constatação de diferentes formas de recipientes conforme exposto na figura 2, abaixo.

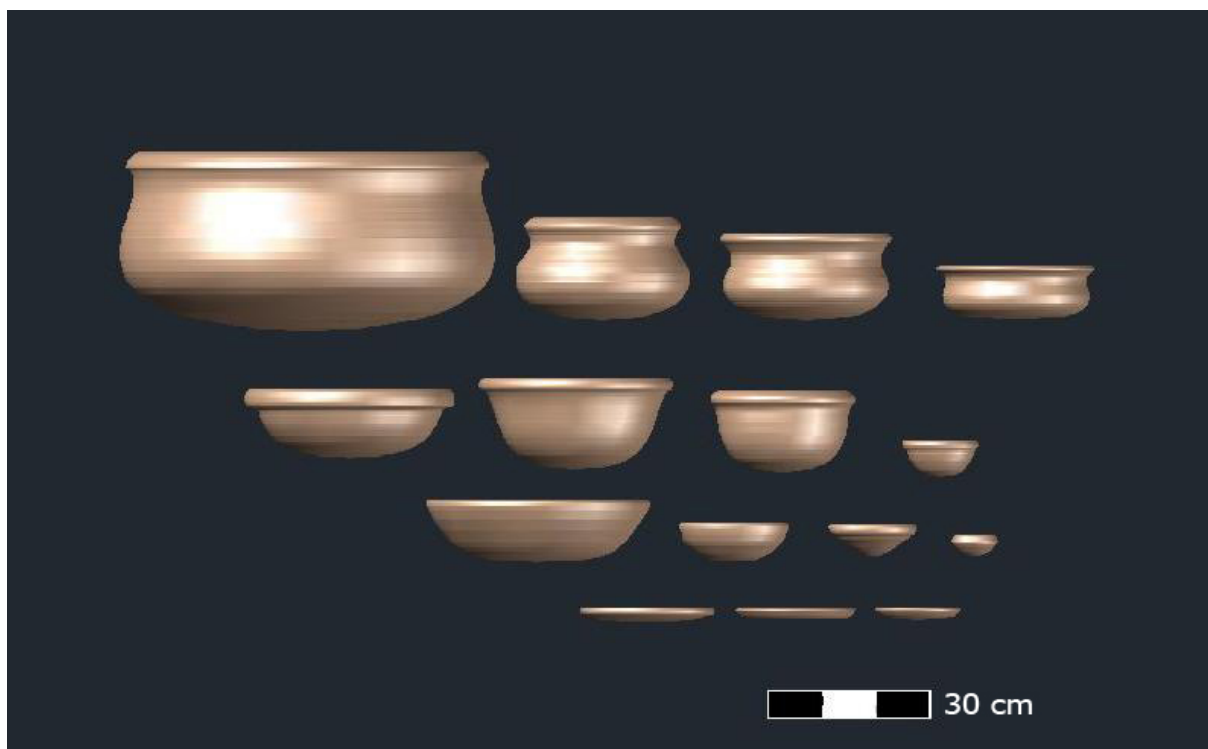


Figura 2: Principais formas de recipientes reconstituídos a partir de CAD. Fonte: Elaborado por Nilo Nobre, em 2013.

Conforme as formas expostas na figura acima, no sítio Boa Esperança foram reconstituídos recipientes com as seguintes formas geométricas: elipsoide horizontal, elipsoide, cônica, ovoide. A partir da reconstituição, buscou-se relacionar as formas encontradas com o trabalho etnográfico de Brochado (1991), no qual o autor buscou associar as diferentes morfologias encontradas em publicações de pesquisas arqueológicas com os dados registrados pelos primeiros viajantes que vieram ao Brasil no período da colonização. Para isso, foram utilizados tanto os textos descritivos das práticas cotidianas dos indígenas, quanto a iconografia que os viajantes produziram durante sua estadia entre os grupos indígenas.

A partir das iconografias e descrições dos cronistas, o referido autor criou sua própria classificação para recipientes tendo como base sua morfologia. Para Brochado (1977), pode-se classificar os tipos de recipientes em:

Panela: Recipiente cuja altura é igual ou maior do que o diâmetro máximo.

Tigela: Recipiente cuja altura é igual ou menor do que o diâmetro máximo.

Jarro: Recipiente cuja altura é igual ou maior que o diâmetro máximo do bojo e que apresenta constrição na parte superior.

Prato ou assador: Recipiente cuja altura é muito menor do que o diâmetro, com base plana ou muito aplanada (BROCHADO, 1977, p. 71).

Os recipientes reconstituídos a partir do desenho das 54 bordas obtidas nas unidades de análise do sítio Boa Esperança foram classificados em 43 tigelas, 9 pratos ou assadores e 2 jarros.

Seguindo Brochado (1991), as formas encontradas nos sítios tupi assemelham-se aos recipientes registrados nas iconografias dos cronistas. Assim, a partir da analogia é possível inferir possíveis usos para os diferentes tipos de vasilhames encontrados em sítios arqueológicos.

Partindo dessa premissa, a partir da comparação das formas reconstituídas com as formas apresentadas no trabalho de Brochado (1991) chegou-se à inferência de alguns possíveis usos para os recipientes reconstituídos.

Nesse contexto, segundo o citado autor, alguns recipientes de diversas profundidades, de forma aberta e com base cônica, arredondada ou plana são representados em ilustrações dos viajantes do período do descobrimento sendo utilizadas como copos para tomar mingau, cerveja de mandioca ou cerveja de caju. Esse tipo de vasilhame está contido nas reconstituições de pequenos recipientes com as características acima citadas.

Dentre os recipientes reconstituídos, alguns apresentam morfologias semelhantes às que são expostas por Brochado (1991) ao abordar os vasilhames utilizados para servir. Segundo o referido autor: “alguns deles apresentam pinturas policromas nas extremidades biseladas, ou nas bordas, ou mesmo em seu interior e por isso não poderiam ser utilizadas no fogo, apenas para estocar ou servir.” (BROCHADO, 1991, p. 62) [Tradução nossa].

Vale ressaltar que, embora em dimensões distintas, os recipientes encontrados no sítio Aldeia de Trairi apresentam uma grande similaridade com a morfologia apresentada acima. Dessa forma, essa constatação pode reforçar a ideia de que o referido sítio teria sido um local para armazenamento de recipientes, onde são encontrados, predominantemente, vasilhames com funções similares. Conforme se tem discutido, as semelhanças tecnológicas podem ser atribuídas a modos de viver e visões e mundo compartilhados.

Nos escritos do referido autor, encontraram-se referências de recipientes utilizados para ralar mandioca. Esses vasilhames, segundo o autor, deveriam ser bastante abertos e possuir bordas reforçadas para suportar a pressão do procedimento de ralar. E, também, em relação aos utensílios que poderiam ser utilizados no processamento de mandioca, foram reconstituídas algumas formas muito abertas, de pouca altura e bases planas. Brochado (1991) atribui a esse tipo de recipiente a função de assar beiju.

Apesar de considerarmos que as analogias diretas não devem ser buscadas, pois nesta pesquisa trabalha-se com uma perspectiva de que as sociedades desenvolvem algumas características próprias ao longo do tempo, a hipótese de que alguns desses recipientes possam ter servido para tais utilizações não deve ser totalmente descartada.

INTERPRETAÇÕES

Conforme exposto até agora, buscou-se a compreensão dos modos de manufatura dos artefatos cerâmicos levando em consideração os elementos utilizados para a caracterização da tecnologia do(s) grupo(s). Dessa forma tentamos perceber os seguintes estágios de produção:

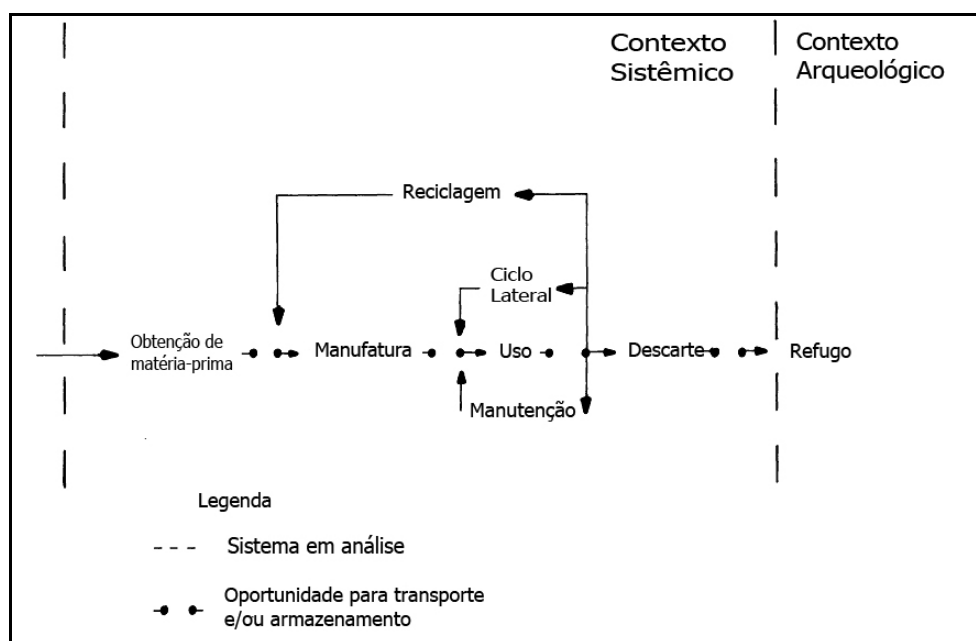


Figura 3: Modelo de vida útil de itens da cultura material, adaptado de SCHIFFER (1972, p. 158).

Rice (1987) postula que as áreas de obtenção de matéria-prima podem estar situadas em qualquer lugar em um raio de até 7 km a partir das áreas de habitação ou de produção dos

ceramistas. Levando-se em consideração que a área de habitação poderia ter sido na atual área do sítio Boa Esperança, a área fonte de argila poderia estar em algum lugar às margens do Rio Trairi, que dista aproximadamente 500 metros do local do sítio.

Quanto ao modo de preparo da argila, a pasta era produzida utilizando-se principalmente caco moído e bolos de argila, sendo que areia estava presente em alguns casos. Contudo, conforme o uso predominante dos dois tipos de antiplástico citados anteriormente, não é possível inferir uma intencionalidade da adição de areia nas pastas, sendo que esta poderia ser natural da argila coletada.

E vale salientar que o uso dos antiplásticos à base de cacos moídos pressupõe uma reciclagem do material. Essa reciclagem interfere na formação do registro arqueológico, gerando uma área de refugo com diversos fragmentos de morfologias distintas e de difícil reconstituição por parte dos arqueólogos, pois partes dos vasos foram trituradas para confeccionar outros. A percepção desse tipo de prática no processo de manufatura da cultura material também fornece subsídios para se pensar em uma permanência mais duradoura, uma vez que era necessário o tempo de fabricação do recipiente, sua vida útil, seu descarte e seu reaproveitamento, em forma de antiplástico triturado, para a confecção de novos vasilhames. Embora o grupo também pudesse ter utilizado fragmentos de recipientes quebrados durante o processo de queima.

Com a quebra dos vasilhames devido ao uso, ou outro fator, os fragmentos poderiam ser descartados, passar pelo processo de reciclagem, quando seriam triturados para serem aproveitados na produção de novos vasos, ou poderiam ainda ser reutilizados para alguma outra atividade. Dentre os fragmentos analisados do sítio Boa Esperança, alguns apresentam sulcos que aparentemente foram produzidos pela abrasão causada pelo atrito do fragmento com outra matéria, gerando certo polimento com um formato característico.



Figura 4: A foto mostra que o fragmento apresenta uma cavidade produzida provavelmente pelo atrito com outro material. Fonte: Acervo pessoal. Foto: Nilo Nobre, 2012.

Fragmentos com esse tipo de cavidade são denominados de calibradores por Piló (2008). Segundo o autor, esse tipo de característica é encontrado em fragmentos descartados em áreas habitacionais, uma vez que as cavidades são feitas a partir da utilização dos fragmentos para remover as arestas das flechas através de abrasão, e, conforme sugere o autor, essa seria uma atividade essencialmente doméstica, o que contribui para a hipótese de que o sítio Boa Esperança é remanescente de uma área de habitação.

A partir da análise das técnicas de manufatura, constatamos que o acordelado (anelado, roletado) era a principal técnica utilizada pelos ceramistas que habitaram a região. Por conseguinte, as etapas de produção de alguns recipientes consistiam na formação do modelo desejado através da junção de roletes, raspagem para remoção das impurezas ou para afinamento das paredes, aplicação de um banho de argila mais fina, alisamento e aplicação da decoração cromática.

Como elemento a mais na discussão de uma permanência mais longa no local, levou-se em consideração que, para recipientes grandes, o processo era ainda mais lento, pois era necessário que os roletes inferiores secassem para conseguir suportar o peso dos roletes superiores.

Cabe ressaltar também que, durante a fase de campo, alguns fragmentos foram coletados tanto no sítio Boa Esperança como no sítio Aldeia de Trairi, com a finalidade de serem enviados para análise da radiação acumulada através da técnica da termoluminescência. Foram selecionados 3 fragmentos do sítio Boa Esperança e 10 do sítio Aldeia de Trairi, com objetivo de verificar a contemporaneidade ou não desses materiais.⁴

Entre as amostras analisadas, percebeu-se que algumas (do sítio Aldeia de Trairi) possuíam maior sensibilidade e por isso continham mais radiação acumulada, enquanto que as outras (do sítio Boa Esperança) apresentavam menos radiação acumulada devido à sua menor sensibilidade. Segundo o relatório preliminar produzido no referido departamento da UFPE, as relações encontradas entre sensibilidade da amostra *versus* quantidade de radiação acumulada podem indicar que os materiais são contemporâneos. Dessa forma, a partir dos resultados preliminares obtidos, pode-se inferir que o sítio Aldeia de Trairi poderia ter sido uma área de atividade específica dentro do sítio Boa Esperança, uma vez que seus remanescentes podem ser contemporâneos.

A hipótese de que o sítio Aldeia de Trairi pode ser uma área de atividade dentro do sítio Boa Esperança ganha peso quando se analisa a dispersão espacial dos mesmos. Nota-se que há uma proximidade entre os referidos locais e entre as áreas arqueológicas e o Rio Trairi. Tomando o sítio Boa Esperança como ponto central, tem-se uma área com aproximadamente 400 m de raio, onde são encontrados os fragmentos em superfície.

Scatamacchia (1990) ao citar o trabalho de Maria Conceição Beltrão, aborda que se as aldeias eram feitas por grupos recém-chegados em uma região nova, esta seria relativamente pequena, com no máximo 200 m de diâmetro. Contudo, quando os grupos atingiam a estabilidade no local, as aldeias chegavam a ter 600 m de diâmetro. Dias (2003) expande ainda mais a área de domínio de grupos tupi a partir dos trabalhos de Noelli. A autora aponta que a área de captação de recursos de um tekohá (unidade espacial de domínio dos grupos tupi-guarani) poderia chegar a 50 km a partir da sede da aldeia, essa área inclui os espaços de exploração de acordo com a sazonalidade anual.

Vale ressaltar que o sítio está implantado em uma área que é tida como preferencial por grupos tupi, uma vez que esses povos ocupavam o terreno de forma radial, visando explorar diferentes zonas de captação de recursos (MILHEIRA, 2008). Os sítios estão situados relativamente próximos ao Rio Trairi, e não muito distante da linha costeira. Portanto, distintas áreas de captação de recursos estavam disponíveis para exploração ao longo do ano. Contudo, a interpretação de outros dados de possíveis áreas de atividade no entorno do sítio são prejudicadas devido a vários fatores. Por um lado, os impactos causados pelo processo de urbanização da cidade podem ter destruído o potencial interpretativo dos dados na área entre o atual sítio Boa Esperança e o Rio Trairi. Por outro lado, a norte do sítio, a dinâmica eólica litorânea impulsiona a sedimentação no sentido da cidade, soterrando lugares que poderiam também fornecer informações sobre a implantação da ocupação na área.

Entretanto, mesmo com a escassez de dados espaciais complementares a interpretação do sítio Boa Esperança como uma possível área de habitação ainda pode ser realizada. Milheira (2008) elabora a ideia de que o registro arqueológico é mais complexo e diversificado em locais onde houve ocupações prolongadas. E de que, inversamente, em locais onde a ocupação foi menos intensa, os artefatos são menos frequentes e as estruturas e outras evidências são raras ou inexistentes no registro arqueológico. Essas ideias assemelham-se com o proposto por Kent ao afirmar que:

Pessoas que planejam ficar em um acampamento por um curto período de tempo, possuem um menor inventário de artefatos do que aqueles que pretendem uma ocupação longa; e grupos que planejam uma ocupação curta também investem menos esforços na construção do sítio e realizam menos atividades de manutenção do acampamento do que aqueles que intentam uma ocupação longa. Ambos os fatores influenciarão na visibilidade arqueológica e nas interpretações sobre o comportamento de abandono (KENT *apud* ALMEIDA & GARCIA, 2008, p. 98).

Conforme Milheira (2008), a ocorrência de vasilhames de grande porte indica um alto grau de permanência nos sítios arqueológicos, pois pressupõe práticas coletivas que necessitam de recipientes grandes.

Partindo desse pressuposto, como a maior quantidade e diversidade de fragmentos é encontrada no sítio Boa Esperança, este seria o local central com os espaços de habitação. Aliado ao dado de que alguns recipientes reconstituídos poderiam ter funções voltadas para o cotidiano doméstico e também pela presença de fragmentos com marcas de reutilização que, segundo Piló (2008), são encontrados em áreas que apresentam remanescentes domésticos,

defende-se que o sítio Boa Esperança foi uma área de ocupação prolongada, possivelmente uma aldeia.

Conforme discutido, a partir da constatação da semelhança tecnológica da produção das cerâmicas tanto do sítio Aldeia de Trairi quanto do sítio Boa Esperança tem-se um indicativo de que os remanescentes encontrados em ambos os locais foram produzidos pelo mesmo grupo ou por grupos aparentados. Isso seria consequência da memória social compartilhada por esses grupos, gerando, por conseguinte, uma cultura material bastante similar. Além disso, com base na datação relativa dos materiais cerâmicos, que aponta para uma contemporaneidade entre as coleções cerâmicas de ambos os sítios, tem-se um indicativo de que o sítio Aldeia de Trairi poderia ser um local de atividade dentro da área da aldeia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fernando Ozório de; GARCIA, Lorena Gomes &. Aspectos do Espaço Tupinambá no Leste Amazônico. *Revista de Arqueologia*, n. 21, v. 2, p. 97–119, 2008.

ALVES, Cláudia O. A Aldeia do Capim – Contribuição ao Estudo Arqueológico da Cerâmica Tupi-guarani. 1988. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.

ALVES, Cláudia O. A Cerâmica Pré-Histórica no Brasil: Avaliação e Proposta. *CLIO Arqueológica*. v. 1, n. 7, p. 11–88, 1991.

ASSIS, Valéria Soares. Da Espacialidade Tupinambá. 1996. Dissertação (Mestrado História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre, 1996.

BICHO, Nuno F. Manual de Arqueologia Pré-Histórica. 2 ed. Revista e Atualizada, Lisboa: Edições 70, 2011.

BROCHADO, José Proenza. Alimentação na Floresta Tropical. A analogia etnográfica na reconstrução da alimentação por meio de evidências indiretas. A mandioca na floresta tropical. *Cadernos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, v. 2, p. 1–103, 1977.

_____, José Proenza. What did the Tupinambá Cook in Their Vessels? An Humble contribution to ethnographic analogy. *Revista de Arqueologia*, n. 6, p. 40–88, 1991.

CAZZETTA, Mirian. Relatório do *Projeto Litoral*: Levantamento de Evidências Arqueológicas no Litoral do Ceará. Iphan, Superintendência Estadual do Ceará, 1996.

CHMYZ, Igor. Terminologia Arqueológica brasileira para a cerâmica. *Cadernos de Arqueologia*, n. 1, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1976.

CONNERTON, Paul. *How Societies Remember*. Cambridge University Press, 1989.

DARVILL, Timothy. The historic environment, historic landscapes, and space —time — action models in landscape archaeology. In: UCKO, Peter J, LAYTON, Robert (Eds). The Archaeology and Anthropology of Landscape: Shaping Your Landscape. Taylor & Francis e-Library, 2005.

DIAS, Adriana Schmidt. Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: uma Proposta Interpretativa para a ocupação Pré-Colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. 2003. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2003.

DONALD, Merlin. Material Culture and Cognition: Concluding Thoughts. In: RENFREW, Colin & SCARRE, Chris (eds). Cognition and Material Culture: the Archaeology of Symbolic Storage. McDonald Institute for Archaeological Research, 1998.

HALBWACHS, Maurice. A memória Coletiva. 2 ed., São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HODDER, Ian. Reading the Past. Cambridge University Press, 2003.

JONES, Andrew. Memory and Material Culture. Cambridge University Press, 2007.

LA SALVIA, Fernando & BROCHADO, José Proenza. Cerâmica Guarani. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LEROI-GOURHAN, André. Gesture and Speech. Massachusetts Institute of Technology, 1993.

MACHADO, Daniel Luna. Estudo arqueológico dos sítios Anauá, Chapada, Santo Antônio e Olho d'água do Pau, em Mauriti, Ceará. 2010. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

MEDEIROS, Ricardo Pinto de. Histórias dos Povos Indígenas do Sertão Nordestino no Período Colonial Problemas, Metodologias e Fontes. CLIO Arqueológica, n. 15, v. 1, 2002.

MILHEIRA, Rafael G. Território e Estratégia de Assentamento Guarani na Planície Sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste RS. 2008. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

_____, Rafael G. Arqueologia Guarani no Litoral Sul-Catarinense: História e Território. 2010. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

NOGUEIRA, Monica Almeida Araújo. A cerâmica tupinambá na serra de Santana–RN: O sítio arqueológico aldeia da serra de Macaguá I. 2011. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

OLIVEIRA, Kelly de. Estudando a Cerâmica Pintada da Tradição Tupi-guarani: a Coleção Itapiranga, Santa Catarina. 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ORTIZ, Renato (Org.). Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1983.

PEREIRA, Edithe; SILVEIRA, Maura I.; RODRIGUES, M. C. L. F.; COSTA, C. J. C. de A.; MACHADO, C. L. A tradição Tupi-guarani na Amazônia. In: PROUS, André & LIMA, Tânia A. (orgs). Os Ceramistas Tupi-guarani. Belo Horizonte: Sigma, 2008.

PILÓ, Henrique Moreira D. Arqueologia Tupi-guarani: Relações Entre as Implantações dos Sítios e Cultura Material no Médio Rio Doce. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa em Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

RICE, Prudence M. Pottery Analysis: a Sourcebook. The University of Chicago Press, 1987.

_____, Maria C. M. & MOSCOSO, Francisco. Análise do Padrão de Estabelecimentos Tupi-Guarani: Fontes Etno-históricas e Arqueológicas. Revista de Antropologia, Sem data.

SCATAMACCHIA, M. C. M. Proposta de Terminologia para a Descrição e Classificação da Cerâmica Arqueológica dos Grupos Pertencentes à Família Linguística Tupi-guarani. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 14, p. 291–307, 2004.

SCHIFFER, Michael B. Archaeological context and systemic context. *American Antiquity*, v. 37, n. 2, 1972.

SETTON, Maria da Graça J. A teoria do *Habitus* em Pierre Bourdieu: Uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, 2002.

SHEPARD, Anna O. *Ceramics for the Archaeologist*. Carnegie Institution of Washington, Washington, D.C., 1956.

SINOPOLI, Carla M. *Approaches to Archaeological Ceramics*. Plenum Press, 1991.

SILVA, Fabíola A. Ceramic Technology of the Asurini do Xingu, Brazil: An Ethnoarchaeological Study of Artifact Variability. *Journal of Archaeological Method and Theory*, n.15, p. 217–265, 2008.

SOARES, Karlla Andrêssa. Caracterização do(s) grupo(s) ceramista(s) da enseada de Jericoacoara, extremo litoral noroeste do estado do Ceará: subsídios tecnológicos, cronoestratigráficos e etno-históricos. 2011. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

SOUSA, Eliane da Silva. O Potencial Interpretativo dos Artefatos Cerâmicos: A Tradição Tupi-guarani na Amazônia. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

STRATHERN, Marilyn. Social Relations and the Idea of Externality. In: RENFREW, Colin & SCARRE, Chris (eds). *Cognition and Material Culture: the Archaeology of Symbolic Storage*. McDonald Institute for Archaeological Research, 1998.

VIANA, Verônica P., SOUSA, Luci D., SOARES, Karlla A. Os antigos habitantes da praia de Jericoacoara, Ceará: Arqueologia, História e Ambiente. CLIO Arqueológica, n. 21, p. 117–202, 2007.

NOTAS

¹ Na época em questão, ligada ao Núcleo de Estudos Etnológicos e Arqueológicos (Neea) da Universidade Estadual do Ceará.

² O tempero, ou antiplástico, é um elemento adicionado à argila para aumentar a porosidade durante a queima, reduzir sua plasticidade, aumentar a resistência do vasilhame a alterações de temperatura ou até melhorar ou equilibrar alguma característica que já é própria da argila.

³ Foram considerados como Unidade de Análise os “conjuntos de fragmentos cerâmicos com características comuns”, conforme proposto por ALVES (1991, p. 78).

⁴ As amostras foram enviadas, em janeiro de 2013, para o Departamento de Energia Nuclear da Universidade Federal de Pernambuco (DEN/UFPE) para serem analisadas segundo a referida técnica.